

OS TENTÁCULOS DO PODER - A TESSITURA DA MONSTRUOSA (E NOSTÁLGICA) AMAZÔNIA

Prof^a. Dr^a. Simone de Souza Lima¹ (UFAC).

Resumo:

O presente trabalho tem por objetivo discutir certos elementos nostálgicos da fundação do mito das Amazonas, que acabou por dar identidade à complexa e rica região internacional (Pan-Amazônia), retrato da desmedida do poder colonial nessa parte dos trópicos. Procuraremos responder questões como: em que momento histórico/social a mente colonizadora espanhola efetua a transgressão de um suposto código natural, isto é, transformam nativos em resíduos arqueológicos monstruosos, as lendárias mulheres Amazonas? Em que consistiu a tentativa de homogeneização dos corpos e das culturas nativas? Fundada por corpos femininos jamais re-encontrados nas espacialidades amazônicas, nossa identidade seria, nesse sentido, da ordem do discurso, mais especificamente da ordem do desconcertante mal-estar diante da alteridade desconhecida que, inclusive, historicamente, tem representado papel significativo na cultura popular amazônica. Com efeito, outros seres monstruosos foram tecidos à imagem e semelhança dos códigos bizarros europeus, descortinando-se as laras, os mapinguaris, curupiras, botos, cobra grande, mboatatá, mãe da mata, dentre outros entes lendários encantados que habitam o cotidiano dos amazônidas. Forja-se, desse modo, a Amazônia como lugar do exótico e do excesso no cenário mundial. No nome – o encantamento do feminino in absentia – geografia representada como utopias, não-lugares cujo ponto de estabilidade são as representações ficcionais, isto é, as mentes ou as memórias daqueles que orquestraram ideologicamente a região e o país a partir do século 16.

Palavras-chave: Relato de Viagem, Amazônia, Monstros, Transgressão, Poder.

1 Introdução

Acreditamos que poucos lugares são tão reveladores dos sentidos suscitados pelos “símbolos da relação entre nós e o mundo que nos cerca¹”, pelas transgressões geradoras de *monstros* e *monstruosidades* como a Amazônia, ou mais apropriadamente a Pan-Amazônia, região compreendida por oito países, contando com o Brasil que detém cerca de 65,00% da região – mais Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Suriname, República Cooperativa da Guiana – além do Departamento da França (Guiana Francesa), um pedaço da União Européia dentro da Pan-Amazônia. Cada um deles imerso (ou submerso) em processos históricos e culturais específicos. *Amazônias* – assim mesmo, no plural, lugares de movências dos *corpos que carregam em sua materialidade e seu psiquismo suas memórias* ancestrais – em constantes processos de trocas de imaginários oriundos dos trânsitos de corpos, línguas e culturas reencenadas nessas paisagens.

Nesse sentido, a Pan-Amazônia (ou Amazônia Internacional) tem sido o *palimpsesto*, manuscrito sob o qual se inscrevem e se embaralham as subjetividades que são as gentes amazônicas, com povos oriundos de diferentes partes do planeta, lugar de onde testemunham as narrativas históricas e/ou ficcionais geradoras de monstros e monstruosidades as mais variadas. Também lugares de muitas geografias, riqueza mineral, vegetal e hídrica extraordinária e *vária*; de riquíssima diversidade biológica, entrevista em sua complexidade em relação a outros ecossistemas

¹ JEHA, Julio. Apresentação dos monstros – A face do mal. In: **Monstros e monstruosidades na literatura**. Julio Jeha, organizador. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, p. 7.

importantes, como o lingüístico, de onde se descortinam interessantes histórias das línguas² dos povos desse amplo território misturado – marcado por diferenças ainda hoje desconhecidas; de diversidades sociais, culturais, simbólicas em que se forjam *identidades* plurais as mais variadas. Muitos *monstros* têm sido engendrados na Amazônia sendo, ela própria, uma potente *monstruosidade*, como tentaremos mostrar, a seguir.

2. OS TENTÁCULOS DO PODER NA FABRICAÇÃO DISCURSIVA DA AMAZÔNIA

Como já salientou a pesquisadora Neide Gondim³, a Amazônia foi “fabricada” ou “inventada” discursivamente à semelhança das construções ou fabricações dos lugares exóticos, por colonizadores etnocêntricos incapazes de enxergar as populações locais, com seus saberes e conhecimentos tradicionais. No caso da grande região amazônica, sua fabricação se deu a partir de um fragmento do imaginário grego transplantado para esta parte dos trópicos – o fragmento que *dizia* acerca das Amazonas, mulheres guerreiras habitantes de *comunidades* sem homens, portanto, a partir de seres monstruosos. Segundo Jeffrey Jerome Cohen – “Hermafroditas, amazonas e canibais lascivos [são monstros que] fazem gestos convidativos das margens do mundo...” (COHEN, p. 51) – constituindo redes a partir das quais os tentáculos do poder colonial alcançam os mais longínquos lugares planetários.

Nessa perspectiva, como idéia pré-concebida, a Amazônia é “fabricada” sem o concurso de suas populações nativas, taxadas monstruosamente como alteridade exótica e perigosa – *Amazonas!* Podemos acompanhar o percurso desta “fabricação” lendo os resíduos discursivos das *dizibilidades* primeiras, quer dizer, as primeiras narrativas sobre a Amazônia que tiveram lugar ainda no século 16. Para isso, precisamos compreender o momento histórico em que foram produzidos pela mentalidade dominadora européia – e os episódios espetaculares que clivaram os *corpos* dessas populações tropicais.

Antes de refletir sobre o *estatuto do discurso fundante* da região amazônica, através de uma brevíssima análise *do mito das Amazonas* em Carvajal – propomos uma rápida pausa na reflexão até aqui desenvolvida a fim de discutir uma idéia de Michel de Certeau acerca dos *corpos humanos*. Ela se encontra reproduzida numa entrevista do historiador intitulada *História dos corpos*, em que é discutido o problema da representação do *corpo* no mundo ocidental a partir de determinado momento histórico, o do Cristianismo. Assim refere o historiador.

(...) É possível tomar o problema a partir de momentos históricos que organizam a experiência ocidental do corpo. Nesse sentido, o cristianismo teve um papel decisivo. Ele se instalou sobre a ausência de um corpo, sobre o túmulo vazio. Essa ausência tem uma forma episódica com a perda do corpo de Jesus, que devia substituir todos os outros. Mas ela tem uma configuração mais global com o desligamento que separou o cristianismo de sua origem étnica e da realidade biológica, familiar e hereditária do corpo judeu. O discurso evangélico, ou *Logos*, instaurou-se a partir dessa perda, e, diferentemente da palavra semítica antiga, deve se encarregar da produção de corpos eclesiásticos doutrinários ou sacramentais que servem como substitutos desse ‘corpo ausente’. Ele é incansavelmente empregado para criar Igrejas com *corpus* simbólicos. Nesse sentido, a história científica seria uma variante tardia desse trabalho, que procura, então, produzir com discursos corpos sociais – nações, partidos, grupos. Tem-se aí, à maneira da pedagogia, da política, das mídias ou da história, uma especificidade ocidental. (DE CERTEAU, 2002, p. 409).

² Sobre o tema, indicamos para leitura o excelente livro de José Ribamar Bessa Freire, intitulado **Rio Babel – a história das línguas na Amazônia**. Rio de Janeiro: Atlântica; EdUERJ, 2004.

³ GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994. PIZARRO, Ana.

A idéia de Michel de Certeau trata do problema da representação e do modo como são forjadas as identidades, historicamente, na cultura ocidental, tendo por centro os *corpos* ausentes. Tomemos de empréstimo os pressupostos do historiador e verifiquemos sua aplicabilidade na interpretação *babélica* da Amazônia que tentamos levar a termo neste trabalho. De acordo com de Certeau, a simbologia inerente ao *corpo* ausente – matriz do cristianismo tem uma configuração global, portanto, migrante. Nessa circunstância, a simbologia migrante atinge os lugares mais distantes do globo.

Pois bem, antes de discutir o mérito dos pressupostos levantados por de Certeau, deslocando-os para o contexto da Amazônia, vejamos atenciosamente a história contada pelo frei dominicano Gaspar de Carvajal – em sua viagem pelo que hoje é a região amazônica, ocorrida entre fevereiro de 1541 e setembro de 1542.

(...) Aqui viram-se índias com arcos e flechas que faziam tanta guerra quanto os índios ou mais e comandavam e animavam os índios para que pelejassem; e quando queriam batiam com arcos e flechas aos que fugiam e faziam ofício de capitães ordenando aquela gente que guerreasse, colocando-se na frente e segurando os outros para que estivessem firmes na batalha, a qual travou-se com muito rigor. E sendo esse exercício tão estranho às mulheres, como o sexo feminino o requer, e poderá aparecer grande novidade ao leitor que vir essa minha relação, digo para meu desengano que falo do que vi; e o que podemos entender e se teve por certo é que aquelas mulheres que lá pelejavam como amazonas são aquelas de quem, em muitas e distintas relações nessas índias ou partes, corre há muito tempo larga fama, decantada de muitas maneiras, da existência dessas belicosas mulheres. As quais nessa província, e não longe dali, têm seu senhorio e *mero misto* império, distante e apartado sem contato com varões; e essas que vimos eram (deviam ser) umas administradoras e visitadoras do seu estado, que tinham vindo ali para vigiar a costa. São altas e de grande porte, desnudas, com uma pequena tanga (“Braga”) que somente trazem diante de suas partes mais vergonhosas; mas em (tempo de) paz andam vestidas com mantas e telas de algodão delgadas e mui gentis. (CARVAJAL, 1992, p. 59).

Entrevistos através de condutas *anti-naturais* – posto que comandavam homens em guerra contra os invasores de suas terras e habitações, a interdição de Carvajal falava do tempo em que imperava a dominação masculina nas sociedades ditas “civilizadas”. O frei dominicano expressava a mentalidade européia – mais tarde referenciada nos discursos de outros cronistas, cientistas e botânicos, como Charles-Marie de La Condamine, pelos séculos seguintes. Como já afirmara Poulain de La Barre⁴ – “a história da humanidade foi contada oficialmente pelo homem. Tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres deve ser suspeito, pois eles são, a um tempo, juiz e parte”. Sobre o tema da história da condição feminina desde a época colonial – trazemos ao nosso texto a contribuição da historiadora Mary Del Priore. Segundo a pesquisadora, historicamente,

... As mulheres não foram e não são mais do que seus próprios corpos, corpos que são terras desconhecidas, territórios impenetráveis e que foram durante séculos auscultados, mapeados, interrogados e decodificados pela imaginação masculina. (DEL PRIORE, 1995, p. 333).

Ao trazer para o centro de seu texto o *mito das Amazonas gregas* – e com ele, a fabulosa e monstruosa história *in absentia dos feros corpos* femininos na Amazônia durante o século 16, o texto de Carvajal se abria para a discussão das práticas cotidianas do gênero. O estranhamento de Carvajal frente aos *feros corpos femininos* parecia trazer à cena a questão: como seria possível

⁴ Epígrafe de Poulain de La Barre citada por Simone de Beauvoir no livro. BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Vol. I. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

tamanha desobediência aos códigos da sexualidade medieval/renascentista? Na estreiteza de sua visão, as práticas e condutas dos *corpos das mulheres americanas* deveriam seguir o enquadramento político ideológico traçado pela sociedade européia da época. Dessa forma, em todas as suas camadas ideológicas, o discurso de Carvajal empurrava para as margens da sociedade a alteridade americana, mormente a feminina, erigida como monstruosidade.

Há que se destacar que a passagem de Gaspar de Carvajal pelas *terras incógnitas* ocorria de forma peculiar: o grupo de expedicionários que saíra de Quito comandado por Gonzalo Pizarro com a intenção de encontrar o *Eldorado* e o *País da Canela* encontrava à beira da inanição. A fome era tanta que o grupo resolvera dividir-se para descer o grande rio na tentativa de encontrar comida e retornar para Quito. Nesse contexto os espanhóis tiveram que enfrentar fortes tensões com algumas populações nativas da região, espantando-se ao deparar com mulheres guerreiras comandando homens contra eles próprios. Na assertiva descrita por Carvajal nada há de extraordinário. A constatação da possibilidade de mulheres atuarem no encorajamento e comando de homens em batalhas a fim de terem resguardadas suas habitações e seus familiares não nos parece algo que mereça maiores comentários. Contudo, o mecanismo ideológico da tessitura das *monstruosas Amazonas* começa a ser engendrado quando os espanhóis ultrapassam o plano do meramente visível, verificando *traços de pertença* ou de *semelhança* entre as índias guerreiras da região percorrida – com as afamadas *Amazonas gregas*.

Carvajal passava a atribuir outros sentidos ao episódio que fora a luta corporal dos nativos contra seus compatriotas espanhóis. Acrescentava camadas de informações *ex-cêntricas* ao contexto da Amazônia, re-fundando, nessas terras, o *monstruoso mito das Amazonas*. Tal procedimento de fecundação do *dito monstruoso* embaralhava o discurso do religioso – colocando-o no rol dos *narradores do maravilhoso teratológico* – como Marco Polo, Mandeville, Colombo e tantos outros que vieram antes dele.

A partir desse ponto, outras tessituras monstruosas passaram a prevalecer na região, revelando o alcance dos excessos do poder que marcaram as diversas colonizações das futuras terras amazônicas. No decorrer dos tempos, mais camadas de sentidos iam sendo atribuídas ao episódio circunstancial narrado por Carvajal (mulheres comandando homens), sem desconsiderar as anteriores. Os dotes físicos e as riquezas dessas singulares *damas monstruosas* passaram a ser o foco das discussões – eram “*altas, alvas e de grande porte, possuidoras de casas ricamente adornadas com prata e ouro*” – identificação tida por nós como o ápice do constrangimento, e do conseqüente processo de homogeneização cultural a que foram submetidos as populações nativas da região.

Entretanto, o elemento mais interessante da ligação entre o *monstro* refundido por Carvajal e a idéia de Michel de Certeau acima referida – diz respeito ao modo como os espanhóis re-organizaram, nessa parte dos trópicos, a experiência ocidental do *corpo monstruoso* e *ausente*. Afinal, “os monstros nascidos da conveniência política e do nacionalismo autojustificador funcionavam como convites vivos à ação em geral militar (invasões, usurpações, colonizações)⁵” e foi o que passou a se verificar no contexto da Amazônia e de outras partes das Américas.

Com efeito, o narrador religioso re-organizava nos rincões amazônicos a atualização de um *corpo ausente* – não o de Cristo, mas o das Amazonas da Grécia antiga, na sua forma *mítica*, identificando-as nos *corpos* das índias – que passariam a ser vistos como corpos monstruosos. Carvajal produzia, nesse sentido, um *discurso corpo/político* monstruoso e dotado de poder, pelo viés da conjugação do *corpo ausente* das Amazonas gregas – na configuração histórico/identitária de um povo plural do ponto de vista étnico, cultural e lingüístico. O que se destaca nesse processo de *identificação* é a dupla presença da *imaginação*, no sentido da fantasia criadora de *monstros*, e

⁵ COHEN, Jeffrey Jerome. *A cultura dos monstros: sete teses*. In: **Pedagogia dos monstros – os prazeres da confusão de fronteiras**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 42.

em sua vertente ideológica. Por uma ironia da história, dessas milimetricamente costuradas pelas redes do poder colonial – coube aos espanhóis doar a identidade monstruosa à região, enquanto aos portugueses caberia a efetiva colonização e povoamento das terras incógnitas, décadas depois.

A pesquisadora Eni Orlandi explica detalhadamente o duplo movimento de ação da fantasia e da ideologia na constituição da *identidade* amazônica, ao afirmar que o *mito das Amazonas* nessa parte dos trópicos (rio *Nhamundá*)

Nasce de um fato real, passa para o maravilhoso, se enriquece de detalhes concretos de origens diversas da experiência dos conquistadores e se tece uma trama coerente que dá verossimilhança à lenda, produzindo evidências sobre a história do país, que não pode se confundir com as lendas que se contam sobre ele. Movimento de afastamento e de retorno à realidade. Aí se processa o mecanismo ideológico de construção imaginária da realidade com seus efeitos de evidência. O mito das Amazonas acabou por dar nome ao rio e a toda à região vizinha. (ORLANDI, 2003, p. 17).

Dessa perspectiva, o *mito das Amazonas* não passaria de *resíduo* arqueológico de monstros lendários (as Amazonas) – uma especificidade simbólica da cultura ocidental transplantada pela mente colonizadora espanhola para essa parte da América. O lugar interpretativo da fundação do *mito* seria a memória ou o imaginário europeu, como esclarece Eni Orlandi – que findou por dar identidade a uma região internacional, a Pan-Amazônia (e aos seus habitantes, os amazônidas brasileiros, equatorianos, bolivianos, peruanos, colombianos...).

Fundado por *corpos* femininos jamais re-encontrados nas espacialidades amazônicas, nossa identidade seria, nesse sentido, da ordem do discurso, *do imaginário, mas também da fantasia monstruosa* – que historicamente tem representado papel significativo na cultura popular amazônica. Outros seres monstruosos foram tecidos à imagem e semelhança dos códigos bizarros europeus, descortinando-se as *Iaras, os mapinguaris, currupiras, botos, cobra grande, mboitatá, mãe da mata*, dentre outros entes lendários encantados.

Forjava-se, desse modo, a Amazônia no cenário mundial. No nome – o encantamento do feminino deformado e monstruoso. Na descrição de sua geografia – a prevalência da imaginação, da fantasia daqueles europeus que a inauguraram discursivamente. Na orquestração ideológica – a ocultação de sua gente, as populações ou as comunidades nativas que secularmente povoaram a região, portanto, os primeiros a *nomearem* a região e seus rios, os igarapés, lagoas, igapós, pântanos, paranás, e furos que serviam como estradas naturais (caminhos que andam, estradas e praças a fluir, segundo Raimundo Moraes⁶), para as terras altas, os baixios, as várzeas e pântanos – o sistema hidrográfico amazônico.

Nesse sentido, o monstruoso *mito das Amazonas* fez com que as interpretações da região dependessem quase sempre de traduções *oficiais* forjadas, construções histórico/sociais engendradas ideologicamente em contextos de enunciação os mais diversos. O *Relato de Viagem do frei Gaspar de Carvajal* será o texto que configura a linha de fundação da região amazônica – de dimensões plurais e heterogêneas, mas que, através da orquestração do discurso da conquista se quis uma região homogênea em termos culturais, uno, cristão. É importante entendermos os sentidos da ocultação das gentes nativas, agora homogeneizadas pelo discurso de Carvajal a partir da fixação do monstruoso *mito das Amazonas* para o contexto dessa parte da América – o monstro seria engendrado a partir do medo e do mal-estar das gentes desconhecidas encontradas por Carvajal, mas também como forma de justificar a colonização das terras e das gentes monstruosas que passariam a dominar.

⁶ MORAES, Raimundo. **Cartas da floresta**. Manaus, Am: Livraria Clássica, 1927, p. 81.

Nesse sentido, nos parece que não apenas os *corpos* das populações regionais, transgredidos, foram alçadas à condição de *monstros*. Também as espacialidades amazônicas foram taxadas de *monstruosas* – a exótica biodiversidade mineral, étnica, lingüística, cultural, religiosa, hidrográfica, geográfica, climática – precisava ser enquadrada nas regras civilizatórias, incapaz de compreender a heterogeneidade daquelas sociedades desconhecidas. O que fazer, diante de diferenças atrozes tão extraordinárias? “Nomear, limitar, governar os sentidos”, nos diz Eni Orlandi. Trataram de denominar arbitrariamente os *corpos* e os *lugares* – fazendo tábula rasa da alteridade ali estabelecida em nomadismos seculares. Buscaram homogeneizar a heterogênea região, à imagem e semelhança do mundo ocidental.

CONCLUSÃO: A NOSTALGIA DO RETORNO DA MONSTRUOSIDADE

Verdadeiro campo de contradições políticas, o *corpo* dos sujeitos amazônicos especialmente das comunidades indígenas, ribeirinhos, africanos de diversas procedências étnicas – e outros povos da floresta, mesmo mutilados, segregados ou ocultados nas narrativas literárias, historicamente, têm resistido bravamente. E verificamos isso quando olhamos os rastros das manifestações discursivas forjadas acerca da região. Seguida e proficuamente apropriado por intelectuais de diferentes formações – o *monstruoso mito das Amazonas* tem atravessado discursos e se robustecido, ainda hoje – com *A Amazônia Misteriosa* (1925), de Gastão Cruls; com *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade; ou com *Terra de Icamiba* (1932), de Abguar Bastos.

Foi assim que a geografia pan-amazônica se constituiu através de metáforas espaciais forjadas pela desmedida e pelo excesso do poder, tais como – *Santa Maria de La Mar Dulce*, *Maranhão*, *Eldorado*, *País da Canela*, *Guiení*, *Paranatinga*, *Parauaçu*, *Terra sem Mal*, *Hiléia*, *Paraíso Perdido*, *Inferno Verde*, *Pays das Amazonas*, *Paiz das Pedras Verdes*, *Pátria das Águas*, *Hinterlândia*, *Celeiro do maior banco genético do planeta*, ou *região da Mega-Bio-Diversidade*, *Pulmão do Mundo*. Sem sombra de dúvida, estamos diante de dizibilidades entusiásticas e monstruosas, fabricadas em temporalidades e espacialidades diversas, potencialmente poderosas – posto que capazes de doar a necessária sustentação política aos projetos nacionais e internacionais para região, à revelia de suas gentes. Movido pela potencialidade de uma dessas dizibilidades, Raimundo Moraes afirmou, categórico: *O verdadeiro nome da Amazônia devia ser, para melhor traduzir o imantado fascínio exercido pelo muirakitã – Paiz das Pedras Verdes*⁷, num nostálgico gesto de endosso da monstruosidade forjada por Gaspar de Carvajal.

Por

Profa. Dra. Simone de Souza Lima – Docente pesquisadora da Universidade Federal do Acre/UFAC. Pesquisa financiada pelo CNPq – Bolsa de Produtividade em Pesquisa.

⁷ MORAES, Raimundo. **Paiz das pedras verdes**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938, p. 84.

Referências Bibliográficas

BORGES, Jorge Luis. *O outro Whitman*. In: **Obras completas de Jorge Luis Borges, volume 1**. São Paulo: Globo.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Vol. I. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970 (Poulain de La Barre citada por Simone de Beauvoir).

CARVAJAL, Gaspar de. *Relato de Viagem do frei Gaspar de Carvajal*. In: **As crônicas do Rio Amazonas**. Notas, estudo etnohistórico e tradução de Antônio Porro. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

COHEN, Jeffrey Jerome. *A cultura dos monstros: sete teses*. In: **Pedagogia dos monstros – os prazeres da confusão de fronteiras**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CERTEAU, Michel de. Entrevista **História de corpos**, originalmente publicada na Revista *Esprit*, n. 62, Paris, fevereiro de 1982. Tradução Márcia Mansor D'Alesio. Reproduzida na Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC de São Paulo, (Projeto História 25, *Corpo & Cultura*), dezembro de 2002.

Da fabricação de monstros. Julio Jeha, Lyslei Nascimento, organizadores. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

DEL PRIORE, Mary. **Esquecidos por Deus – monstros no mundo europeu e ibero-americano: uma história dos monstros do Velho e do Novo Mundo (séculos XVI-XVIII)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidade no Brasil Colônia**. 2ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

JEHA, Julio, organizador. **Monstros e monstruosidades na literatura**. Belo Horizonte: Editora EFMG, 2007.

GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

ORLANDI, Eni P. (Organizadora). **Discurso fundador – a formação do país e a construção da identidade nacional**. Campinas, SP: Pontes, 3ª edição, 2003.

MORAES, Raimundo. **Paiz das pedras verdes**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

_____. **Cartas da floresta**. Manaus, Amazonas: Livraria Clássica, 1927.

PORRO, Antonio. **As Crônicas do Rio Amazonas**. Tradução, introdução e notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia por Antonio Porro. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

i Profa. Dra. Simone de Souza Lima – Universidade Federal do Acre/UFAC.

E-mail: ssouzalima@gmail.com

Pesquisa financiada pelo CNPq – Bolsa de Produtividade em Pesquisa.